

Exército considera "infeliz" crítica de Ulysses

O ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, classificou ontem de "infelizes e injustas" as declarações do presidente da Assembleia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, na última quarta-feira, em São Paulo, quando chamou de "patetas" os então ex-ministros do Exército, Aurélio de Lyra Tavares, Marinha, Augusto Rademaker, e da Aeronáutica Márcio Souza e Mello, integrantes da Junta Militar que autogorou o país a Constituição de 1969.

Considerando que os três antigos chefes militares, "respeitáveis e respeitados", adotaram em seu tempo histórico a decisão que julgaram ser do interesse do Brasil, Leônidas Pires ressaltou a sua convicção de que o presidente da Constituinte e da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, "não repetiria hoje a lamentável frase que proferiu em um momento de emoção mal administrada".

Entretanto, o ministro do Exército salientou que nenhum homem público está livre de injustiças de julgamentos. Por isso "a impenitência" na avaliação de fatos passados, esquecendo-se as suas circunstâncias, é desaconselhável.

Saney preocupado

A tentativa do deputado Ulysses Guimarães em apressar os trabalhos da Constituinte e promulgar a nova Constituição no dia 21 de abril, "nem que seja na marra", não agradou o Presidente José Sarney. "O Presidente está preocupado com as últimas declarações do deputado Ulysses Guimarães", afirmou, ontem o deputado José Geraldo (PMDB-MG), que esteve com o Presidente no Palácio do Planalto. "Estas declarações não fazem parte do perfil do doutor Ulysses", disse o presidente ao deputado.

ACM responde pelo governo

"O deputado Ulysses Guimarães tem prestado muitos serviços à Nação, mas ele deveria ter chamado os três ministros da Junta Militar de "patetas" naquela época. Agora, o comentário do presidente da Câmara e do PMDB não honra sua bravura". Isso foi o que declarou o ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, ontem. Assessores militares na Assembleia observaram contudo, que as palavras de Ulysses "eram duras para com as autoridades de 1969, mas muito simpáticas aos atuais ministros do Exército, da Marinha e da Aeronáutica".

Inquietação

Nos bastidores, porém, a impressão dominante era a de que Ulysses havia, deliberadamente, iniciado sua campanha à sucessão presidencial e criado condições para unir o partido em torno de sua candidatura. Apesar disso, a inquietação gerada por suas palavras era grande. O deputado José Camargo (PFL-SP), amigo pessoal do ex-presidente João Figueiredo, admitiu ter procurado, na medida de suas possibilidades, esvaziar as tensões criadas com a fala de Ulysses.

Para o líder do PDS no Senado, Jarbas Passarinho, o quadro geral do País revela "a existência de uma sociedade civil enferma". Depois de insistir em que não defendeu nem defende nenhuma solução golpista para a crise brasileira, Passarinho preconizou a preservação das Forças Armadas, em sua opinião um dos pontos de equilíbrio institucional que ainda restam no País.

Resposta

Em meio à expectativa dos dobramentos da fala informal de Ulysses, em São Paulo, alguns constituintes salientavam que o Governo designara o ministro das Comunicações para responder expressamente ao presidente da Assembleia. Desse modo, admitia-se, decorrente dos comentários de Ulysses, circunscrevendo-a ao meio político civil.

Antônio Carlos Magalhães abordou ainda outra crítica de Ulysses sobre a proposta de "zeração" da Constituinte. "Quem falou nisso" — salientou o ministro — "foi o professor Manuel Gonçalves Ferreira Filho (ex-secretário-geral do antigo ministro Alfredo Buzaid, da Justiça), que teve meu apoio. Entendo que a Constituinte precisa assessorar-se com melhores juristas, para que a Constituição seja duradoura".

Líderes divergem na avaliação

As lideranças partidárias da Constituinte ficaram divididas na avaliação das últimas declarações do presidente Ulysses Guimarães, em São Paulo, quando prometeu terminar a nova Constituição "na marra" até 21 de abril deste ano. A postura de Ulysses em defender a Constituinte das críticas disparadas pelo presidente José Sarney e pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, foi o ponto consensual entre os líderes, mas a divergência surgiu no momento em que Ulysses investiu sobre a junta militar de 69, qualificando seus integrantes de "os três patetas".

Para o líder do PT, deputado Luís Inácio Lula da Silva, a nova postura de Ulysses irá fortalecer a proposta de realização das eleições gerais em 88, "mesmo sabendo que ele ficará em cima do muro até o final", comentou. A reação de Ulysses à ingerência do Poder Executivo dentro da Constituinte foi elogiada por Lula e pelo líder do PFL, senador Carlos Chiarelli e vista como um estímulo à acele-

Segundo José Geraldo, o presidente Sarney continua achando que a nova Constituição só será promulgada em maio e não em abril, como quer o presidente da Constituinte. O presidente Sarney considera ainda, de acordo com o deputado, que acelerar os trabalhos da Constituinte "na marra" não vai resolver os problemas do País e nem atender aos anseios da sociedade.

O movimento dentro da Constituinte por um mandato de quatro anos está preocupando o presidente José Sarney, segundo afirmou o deputado José Geraldo. O presidente revelou estar muito preocupado com este movimento "que atingiu o auge na semana passada" mas, mesmo assim, ainda acredita que a Constituinte poderá, no final, lhe dar um mandato de cinco anos.

Para o presidente Sarney, o movimento pelos quatro anos neste momento não tem mais possibilidade de crescer e a tendência agora é se estabilizar ou entrar em declínio, afirmou José Geraldo. "A ameaça maior ao mandato de cinco anos já passou, mas este movimento da oposição ainda me preocupa", disse o presidente Sarney ao deputado mineiro.

Um processo eleitoral este ano é visto pelo presidente Sarney como uma grande ameaça à política econômica do Governo, que tem grandes chances de dar certo, mas num prazo mais longo. De acordo com José Geraldo, o presidente considera que eleições presidenciais este ano, "num quadro econômico tão difícil, com inflação de 17%, só iriam comprometer ainda mais a situação econômica do País. De qualquer forma, o presidente Sarney garantiu que continuará "à margem do processo decisório da Constituinte".

Presidente do PMDB explica declarações

Tranquilo, o deputado Ulysses Guimarães justificou a interlocutores do PMDB suas surpreendentes declarações feitas em São Paulo, na quarta-feira, sobre a necessidade de dar um basta às articulações dentro e fora do Governo contra a Constituinte. Entre outros alvos, ele quis responder à proposta do ministro Antônio Carlos Magalhães de acabar com a Constituinte, entregando a uma comissão de juristas a tarefa de redigir a nova Constituição.

Ulysses tranquilizou os políticos que o procuraram preocupados com os rumores de que os ministros militares reagiriam às críticas à Junta Militar de 1969: "Meus amigos sabem que não quis atingir à instituição, mas sim aos que pregam o autoritarismo".

O comando do PMDB respaldou Ulysses. O senador Mário Covas, líder do partido na Constituinte, observou que suas críticas se dirigiram "mais ao processo do que às pessoas". Já o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, comentou que Ulysses tinha objetivos bem definidos ao decidir dar à entrevista: ele quis dar um basta a uma série de coisas".

O deputado Pimenta da Veiga, ex-líder do PMDB, atribuiu dois motivos à entrevista "com riscos serenamente calculados". Primeiro, Ulysses está preocupado com a ofensiva desencadeada contra a Constituinte dentro e fora do Governo; segundo, trata-se de um candidato à Presidência da República que não quer perder o apoio de setores importantes no PMDB e na sociedade.

Ulysses quer neutralizar os setores históricos do partido, decepcionados com a atuação do PMDB nos últimos tempos e em franca oposição ao Governo. Na próxima semana será realizada a reunião do diretório nacional do partido e, ao endurecer seu discurso, Ulysses reforça seu café junto ao descontente setor progressista. Ao entrar, ontem, no plenário, ele já colheu os primeiros frutos: os setores mais progressistas do PMDB o aplaudiram entusiasmadamente.

O deputado Carlos Cotta, de Minas Gerais, por exemplo, que pretendia deixar o PMDB, sintetizou uma avaliação generalizada entre as esquerdas do PMDB: "Até que enfim. O doutor Ulysses ressuscitou". Já o deputado Antônio Perosa, de São Paulo, quis saber pessoalmente de Ulysses as razões de suas declarações, e ouviu: "Tinha de falar. Quando até um funcionário do Governo se volta contra a Constituinte, como seu presidente eu não poderia ficar calado". Ulysses ainda disse: "Não se preocupe com os militares. Tenho amigos nas Forças Armadas e eles sabem que defendo a instituição. Não haverá nota. Se houvesse, eu a responderia". Aquela altura, ele ainda não sabia da reação do ministro do Exército, que classificou suas declarações de "injustas e infelizes".

Após a homenagem, a falta de quorum

Embora tenha sido aplaudido de pé pelo plenário, por ter defendido a Constituinte dos ataques do presidente José Sarney, o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) constatou "com tristeza" que a sessão de ontem não tinha quorum de 280 parlamentares para votar qualquer proposta constitucional. Apesar da constatação, Ulysses determinou que todos os constituintes presentes registrassem seus nomes no painel eletrônico da Câmara. O resultado mostrou que dos 559 deputados e senadores, apenas 233 estavam ontem no Congresso.

Toda a sessão se restringiu a pronunciamentos no pinta-fogo e no horário de comunicação de lideranças, em que a defesa da Constituinte das críticas do presidente José Sarney e de seus auxiliares foi a tônica. Ulysses recebeu vários discursos de solidariedade por ter defendido a Assembleia. O senador Chagas Rodrigues (PMDB-PI) subiu à tribuna para dizer que os ataques contra a Constituinte "são um balão de ensaio, que significa uma ameaça de golpe". Lembrou que o presidente Sarney votou a favor da lei Fleury e agora critica o dispositivo que só permite prisão com mandato judicial.

Mansueto de Lavour, senador pelo PMDB de Pernambuco, afirmou que "à exceção da cúpula militar, nenhum segmento social deposita um mínimo de credibilidade em Sarney".

Pelo telefone, a chamada urgente

O presidente Sarney e o deputado Ulysses Guimarães conversaram à tarde pelo telefone, logo após o encerramento da sessão da Constituinte. O Presidente da República deixou recado no gabinete da presidência da Constituinte, pedindo para falar "com urgência" com Ulysses Guimarães, que só atendeu ao chamado por volta das 17h30, depois de presidir o final da sessão.



Ulysses Guimarães foi recebido com aplausos no plenário da Assembleia Constituinte

Quércia apóia 4 anos e reeleição

O governador paulista não quis confirmar se a candidatura de Ulysses Guimarães foi discutida no encontro que manteve com o presidente da Constituinte em São Paulo. "A gente conversa, mas diz para os jornalistas que não conversou" — respondeu sorrindo.

Sobre as declarações de Ulysses Guimarães, que se referiu aos ministros da junta militar de 1969 como "os três patetas", Orestes Quércia afirmou que, pessoalmente, jamais faria declaração como esta.

"Mas o presidente Ulysses Guimarães é um homem suficientemente respeitável e tem responsabilidade para assumir o que disse, ele manifestou-se, ainda, contra qualquer retratação por parte do presidente da Constituinte, "eu não pediria a ele nenhuma retratação" — afirmou.

Apesar da cautela do governador na defesa de quatro anos para o presidente Sarney, o coordenador da bancada paulista, deputado Roberto Rollemberg, afirmou que os ataques do governo à Constituinte poderão fortalecer a redução do mandato presidencial. "Qualquer declaração desairoso ou de crítica do presidente Sarney à Constituinte prejudica os cinco anos" — disse ele, informando que existe apenas uma "leve posição" ainda em favor dos cinco anos na bancada "uns três ou quatro votos de diferença" — revelou.

Sant'Anna ainda prevê 5 anos

O líder do Governo na Constituinte, Carlos Sant'Anna, afirmou, ontem, que uma das razões da sua confiança na aprovação de um mandato de cinco anos para o presidente Sarney é a constatação de que o PMDB não tem condições de apresentar um candidato à Presidência da República. "capaz de superar as dificuldades do partido nas ruas". Outra razão, a seu ver, é a crise econômica.

Para Carlos Sant'Anna, o presidente do PMDB e da Constituinte, Ulysses Guimarães, é um nome que pode unir o partido ou pelo menos obter o apoio da maioria dos peemedebistas para ser candidato, "mas não é um nome para enfrentar as ruas". Acredita o parlamentar baiano que na hora de decidir a questão do mandato presidencial, os peemedebistas levarão em conta essa dificuldade.

O líder governista fez essa declaração em meio a considerações sobre a ideia de eleições gerais, defendidas pelos ministros Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, e Almir Pazzianotto, do Trabalho. Sant'Anna procurou demonstrar que essa não é uma ideia que tenha consistência

Indícios

Já o deputado Robson Marinho (PMDB-SP) observou que dos 10 constituintes que almoçaram com o governador, somente os deputados Roberto Cardoso Alves, do Centro, Francisco Amaral e Roberto Rollemberg eram favoráveis aos cinco anos. "Os demais estão fechados com os quatro e essa tendência deverá crescer".

O deputado Airton Perosa, que chegou atrasado para o almoço, afirmou por sua vez que as últimas declarações de Ulysses Guimarães representam "uma virada há muito esperada por todos nós". A reação do presidente nacional do PMDB, na opinião do deputado, é o início do rompimento do partido com o governo e a sua opção por eleições diretas ainda este ano.

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, defendeu ontem a adoção pela Constituinte do mandato de quatro anos para presidente da República, com direito a reeleição, na hipótese de manutenção do regime presidencialista, que considera "ideal" para o País. Ficará a critério da Assembleia, segundo salientou, fixar ou não essa norma para o mandato do presidente Sarney.

Ele rejeitou, contudo, a tese de eleições gerais, após a promulgação da futura Constituição, dizendo que o mandato dos governadores não está em discussão. "O que está sendo cogitado é o mandato de

presidente da República e quem começou essa discussão foi o próprio presidente Sarney, ao abrir mão de um ano de mandato". O governador, que almoçou ontem na Câmara com 10 deputados da bancada paulista, considerou "ridícula" a realização de eleições gerais, lembrando que os atuais cargos executivos regionais foram preenchidos por eleição direta.

"Aliás, quem iniciou a discussão do mandato presidencial foi o ex-presidente Tancredo Neves, que já falava em quatro anos durante a campanha. Depois, o presidente Sarney manifestou interesse pelos quatro anos, para em seguida abrir mão de um ano de mandato. Agora, o meu mandato não está à disposição de ninguém" — enfatizou.

Retratação

Orestes Quércia fez questão de ressaltar a soberania da Constituinte para tratar desse assunto, dizendo que, se ela decidir por quatro ou cinco anos, parlamentarismo ou presidencialismo, "devemos apenas dar força para a Constituinte", ele negou ser candidato a presidente da República, indicando o deputado Ulysses Guimarães como "candidato natural" do PMDB às próximas eleições presidenciais. "Eu estou há pouco mais de um ano de governo, não posso pensar agora em ser candidato à presidente da República" — explicou.